

# **O ativismo contra a vacinação obrigatória para a COVID-19 no Brasil: entre repertórios digitais e protestos presenciais**

**Matheus Baccarin**

**Mestrando em Ciência Política pela Universidade de Brasília**

## Introdução

A pandemia de COVID-19 no Brasil foi marcada por um forte entrelaçamento entre ideologia política e adesão ou não às medidas de enfrentamento ao vírus recomendadas internacionalmente, tais como o uso de máscaras, o distanciamento social e, mais recentemente, as vacinas (RECUERO; SOARES, 2021, GRAMACHO; TURGEON, 2021, CALVO; VENTURA, 2021, AJZENMAN ET AL., 2021, AMARAL ET AL., 2022). Em outras palavras, a pandemia foi um evento politizado e contencioso, que explicitou divisões ideológicas entre direita e esquerda anteriores à crise sanitária (RUISCH ET AL., 2021). Apoiadores do Presidente Bolsonaro propagandearam o uso de medicamentos como a cloroquina e a ivermectina como tratamento precoce para a COVID-19, sem eficácia comprovada, enquanto entidades da sociedade civil e os partidos políticos de oposição ao governo federal cobravam do Ministério da Saúde (MS) urgência na entrega dos imunizantes para o início da campanha de vacinação.

O objetivo deste relatório é analisar como o ativismo contra a vacinação obrigatória para COVID-19 no Brasil tem sido liderado e mobilizado por atores da direita. Argumentamos que o posicionamento ideológico dos atores impacta não apenas a escolha de se vacinar ou não, mas também os repertórios de ativismo digital e offline por eles adotados. Assim, os seus enquadramentos e visões de mundo, influenciados pelas lentes da ideologia política (SWIGART ET AL., 2020), acabam por direcionar esses ativistas para determinadas práticas e algumas plataformas digitais, em detrimento de outras.

Elogiado globalmente pela sua política de vacinação (CRUZ, 2017), o Brasil tem observado uma queda na sua cobertura vacinal desde 2013. Em relação à COVID-19, os dados mostram que a vacinação infantil tem tido baixa adesão, com apenas 36,74% das crianças de 03 a 11 anos tendo recebido duas doses, segundo os dados de 06 de outubro de 2022<sup>1</sup>. Buscamos, com esta pesquisa qualitativa<sup>2</sup>, entender as interpretações e estratégias dos ativistas contrários à vacinação obrigatória para a COVID-19.

---

<sup>1</sup>Disponível em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/10/06/vacinacao-covid-coronavirus-06-de-outubro.htm>. Acesso em 07 de outubro de 2022.

<sup>2</sup> Este texto é um recorte do meu projeto de pesquisa mais amplo de mestrado, no qual busco compreender a relação entre ideologias políticas e ativismo contra a obrigatoriedade da vacina para a COVID-19.



Este texto está dividido da seguinte maneira: primeiro, uma descrição da metodologia e dos critérios adotados para a escolha dos entrevistados. Depois, um breve histórico sobre as mobilizações contra a vacinação no Brasil e a sua relação mais recente com o ativismo da direita política. Em seguida, passo então a uma análise sobre os enquadramentos, ideias e reivindicações identificados. Depois, analiso as rotinas de ativismo digital e offline contra o passaporte sanitário, de maneira a entender melhor as estratégias de atuação do movimento. Como conclusão, apresento algumas considerações finais.

## Metodologia

A análise se baseia em dados coletados de dezembro de 2021 a abril de 2022, período que marca o avanço das discussões sobre o passaporte sanitário, ou vacinal, no Brasil. O chamado passaporte vacinal é a exigência de apresentação de comprovante de vacinação para a entrada em estabelecimentos públicos e privados, para o acesso a determinados serviços, como matrícula em escolas e universidades, agendamento de atendimentos em instituições públicas, dentre outros. A medida foi adotada por empresas privadas, autarquias e também por governos estaduais e prefeituras, como evidente incentivo à adesão à campanha de vacinação contra a COVID-19 no Brasil. Houve, entretanto, forte reação de setores da sociedade contrários à obrigatoriedade das vacinas em questão. Assim, meu objetivo de pesquisa foi o de buscar compreender melhor a relação entre essa hesitação vacinal e o ativismo de direita bolsonarista. Para tanto, tomei como ponto de partida a seleção de parlamentares alinhados ao Presidente Bolsonaro, abertamente contrário à compulsoriedade das vacinas para COVID-19, para ouvi-los sobre o tema.

Pude realizar 42 entrevistas semi-estruturadas, sendo 28 com ativistas da sociedade civil e 14 com parlamentares eleitos no legislativo, a nível municipal, estadual e federal. Os ativistas pertenciam a diferentes grupos, dentre eles Os Casos Raros, Mães Leões e Médicos pela Vida. Em relação aos 14 parlamentares, 1 é deputado federal (MS), 5 deputados estaduais (de SP, RJ, CE, RS, PE), 1 deputada distrital (DF) e 7 são vereadores (1 do AC, 1 do CE, 1 do PR, 1 do RJ, 1 do RS e 2 de SC). Para além da técnica bola de neve, para buscar indicações de entrevistados, busquei mapear também parlamentares e ativistas contra o passaporte sanitário por meio da busca por notícias com os termos “passaporte sanitário” no Google.



As entrevistas foram guiadas por questionário semi-estruturado, que deu ensejo para outras perguntas pertinentes. Com o consentimento dos entrevistados e após a apresentação de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, para a categorização e análise dos dados.

Nas entrevistas, foi possível identificar o posicionamento ideológico dos participantes, a sua avaliação do presidente Jair Bolsonaro, o seu histórico de ativismo, a sua opinião em relação às vacinas contra a COVID-19 e às demais vacinas e os motivos para a rejeição do passaporte sanitário. Além do mais, os entrevistados indicaram outros ativistas, lideranças e parlamentares que eles enxergavam como referências ou como aliados na pauta. O questionário continha também um bloco sobre hábitos de informação, consumo de notícias e ativismo digital, no qual busquei apreender dados sobre canais, plataformas e grupos mais acessados pelos ativistas.

Além disso, foi realizada observação participante em 5 eventos: 2 online, em cursos de formação sobre as vacinas e contra o passaporte sanitário promovidos pelo Deputado Federal Diego Garcia (PODEMOS, Paraná), e em 3 manifestações presenciais em Brasília contra a vacinação obrigatória.

Eu pude ter conhecimento desses protestos presenciais em Brasília por meio da divulgação feita nos dois cursos online de formação do Deputado Diego Garcia, nos dias 03 e 13 de janeiro no Zoom. O primeiro ato foi realizado no dia 04 de janeiro, em decorrência de uma audiência pública do MS sobre a vacinação infantil que ocorreu na sede da Organização Panamericana de Saúde (OPAS); o segundo no dia 22 de janeiro, em ato chamado de Dia Mundial pela Liberdade, em frente ao Congresso Nacional; e o terceiro no dia 04 de fevereiro, na Universidade de Brasília, contra a exigência do passaporte vacinal na instituição.

## **O avanço de um ativismo quase inédito no Brasil?**

Quando falamos de resistência à vacinação no Brasil, o episódio mais famoso foi o da Revolta das Vacinas, ocorrido em 1904. Na ocasião, houve grande hesitação da população em aceitar a vacina contra a varíola. É necessário, entretanto, que se mencione o contexto de grande brutalidade policial com que a campanha de vacinação foi feita nas periferias do Rio





de Janeiro, o que ajuda a entender a resistência dos mais pobres contra o imunizante (SEVCENKO, 1993). Na pandemia de COVID-19 o contexto é outro, completamente diferente. Hoje, a rejeição às vacinas é puxada pelo próprio Presidente da República, que em 2021, durante a campanha de vacinação, chegou a associar as vacinas contra a COVID-19 ao vírus da AIDS<sup>3</sup>.

A desconfiança nas vacinas contra a COVID-19 pode estar afetando a adesão às demais campanhas de vacinação. Afinal, os dados de procura pelas vacinas do Programa Nacional de Imunizações (PNI) estão muito aquém da meta de 95% estipulada pelo Ministério da Saúde (DOURADO, 2022). No caso da campanha de vacinação contra a poliomielite no Brasil, em levantamento feito no dia 27 de setembro de 2022, a quatro dias do fim da campanha, somente 52% das crianças haviam sido vacinadas (DOURADO, 2022), o que levou a uma prorrogação da imunização. Estados como Roraima, Acre e Rio de Janeiro não chegaram nem a 30% de crianças imunizadas (DOURADO, 2022). Os surtos de meningite registrados este ano em diferentes estados do Brasil, com aumento de óbitos pela doença, são também, segundo especialistas, resultado da baixa cobertura vacinal (FILHO, 2022).

Nas mídias sociais, as pesquisas apontam para os efeitos de câmara de eco nesse tipo de ativismo contra as vacinas (MILANI ET AL., 2020; BAINES; ITTEFAQ; ABWAO, 2021). Por meio deste efeito, indivíduos encontram confirmação e reafirmação das suas ideias de descrença nas vacinas, o que leva a um distanciamento de fontes oficiais, consideradas peritas.

Bonnevie et al. (2021), numa pesquisa feita no Twitter, indicam que os ativistas contrários às vacinas têm fomentado a desconfiança em relação às autoridades sanitárias e seu discurso tem o potencial de se espalhar entre indivíduos e comunidades já inclinadas à hesitação vacinal. Nesse mesmo sentido, Johnson et al. (2020) demonstram em um estudo global sobre o Facebook que os grupos considerados “indecisos” em relação à vacinação interagiram mais com grupos anti- do que os pró-vacina, de modo que os antivacina tiveram significativa capacidade de conquistá-los (JOHNSON ET AL., 2020, p. 230).

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/10/4957799-facebook-tira-do-ar-live-em-que-bolsonaro-associou-aids-a-vacina-da-covid.html>. Acesso em 07 de outubro de 2022.



A literatura mais recente (AMARAL ET AL., 2022, GRAMACHO; TURGEON, 2021) aponta que a tendência de rejeitar as vacinas não é somente impacto da desinformação, mas também de escolhas motivadas por preferências ideológicas. Parto do entendimento de que as “ideologias moldam as respostas para complexos eventos sociopolíticos do mundo real” (RUISCH ET AL., 2021, p.795). Nos Estados Unidos, conservadores se preocuparam menos com medidas para conter o vírus que os democratas (RUISCH., ET AL, 2021). No Brasil, apoiadores de Bolsonaro relativizaram os riscos da COVID-19 e tiveram menor adesão às medidas de distanciamento social em comparação aos detratores do presidente da República (CALVO; VENTURA, 2021., AJZENMAN ET AL., 2021).

Nesse sentido, a análise de enquadramentos ajuda a compreender de que maneira as ideologias políticas dos atores políticos influenciam em como eles enquadram a realidade social (ENTMAN, 1993; BENFORD; SNOW, 2000, DIAS, 2017). Enquadramentos de ação coletiva são então “conjuntos de crenças e significados orientados à ação que inspiram e legitimam as atividades e campanhas de uma organização de movimentos sociais” (BENFORD; SNOW, 2000, p. 614). É por meio desses esquemas interpretativos que os ativistas organizam suas experiências (DIAS, 2017) em relação à campanha de vacinação contra a COVID-19.

## Diferentes enquadramentos

Ao longo do período pesquisado, foi possível notar algumas mudanças nos enquadramentos dos ativistas. Em janeiro de 2022, um ano após o início da campanha de vacinação no Brasil, a farmacêutica Pfizer passou a ser uma das principais antagonistas e alvo dos ataques dos ativistas, enquanto a Coronavac, inicialmente deslegitimada por ser uma vacina de origem chinesa (GRAMACHO; TURGEON, 2021), foi apontada por alguns entrevistados como uma vacina mais segura, por ter uma tecnologia tradicional de vacinas:

Eu confio mais na Coronavac, porque apesar da eficácia dela ser mais baixa em relação às outras, ela possui uma tecnologia já conhecida. Ela utiliza aquela plataforma de vírus inativado, igual as vacinas de gripe, de H1N1. Enquanto as outras, elas usam RNA mensageiro, que é uma tecnologia nova, que está sendo mais difundida agora e que teve mais reações adversas. Então, nesse momento, a Coronavac é a menos pior (Entrevista 12).



Em 2022, em suma, os atores estudados se posicionam avessos à exigência de passaportes sanitários e a favor da liberdade de escolher se vacinar ou não. Seria um erro apontar que os atores estudados são automaticamente antivacina e anticiência, ou que se enxergam assim. A batalha epistêmica na qual eles estão inseridos é muito mais matizada. Na realidade, eles selecionam seus especialistas e utilizam a retórica e a linguagem científica, ou a defesa da ciência, como forma de legitimar suas posições em relação às vacinas:

Agora, quando abriu o surto da pandemia no mundo, as coisas, desde o início para mim, não faziam o menor sentido, porque eu trabalho com neurociência, eu trabalho com pesquisa avançada, um monte de coisa. Aí eu via que a **ciência verdadeira**, os grandes cientistas da área, não estavam sendo escutados, eles não estavam tendo espaço, eles estavam falando numa rede paralela (Entrevista 24).

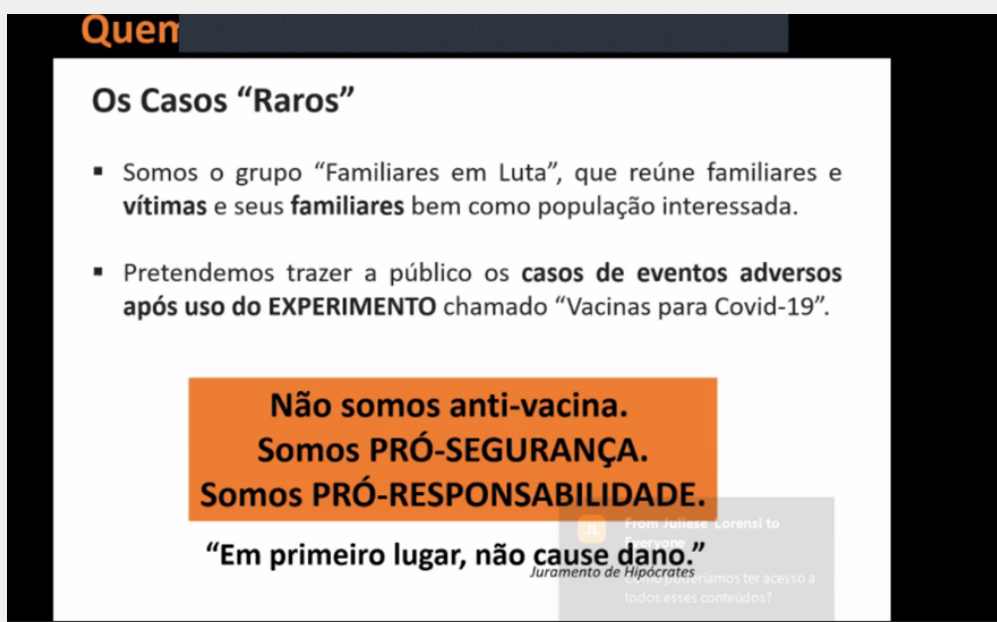
Muitos dos ativistas que protestaram contra o lockdown, frequentemente minimizando os riscos da COVID-19 e defendendo a imunidade de rebanho, se tornaram depois atores hesitantes em relação às vacinas. A crença em teorias da conspiração sobre a pandemia (RUISCH ET AL., 2021) parece ter perdurado ao longo do tempo e, por fim, influenciado na decisão de se vacinar ou não.

Há diferentes graus de hesitação vacinal, de modo que alguns indivíduos tendem a recusar apenas algumas vacinas, mas não outras, ou atrasarem a busca por vacinas específicas por desconfiança (SOUTO; KABAD, 2020). As entrevistas mostram que, de fato, há perfis diferentes entre os ativistas hesitantes. Enquanto muitos não tomaram nenhuma dose de vacina contra a COVID-19, alguns tomaram uma (Entrevista 18), ou duas (Entrevista 20), ou até três, mas são contrários ao passaporte sanitário (Entrevista 38).

Nenhum entrevistado, contudo, se declarou como “antivacina” no geral. Pelo contrário, eles afirmaram que confiam nas demais vacinas do Programa Nacional de Imunizações, que são aplicadas na infância contra doenças como sarampo, rubéola e poliomielite, pelo fato delas terem sido testadas ao longo de décadas. Eles contrapõem o tempo dessas vacinas ao período curto de aprovação dos imunizantes contra a COVID-19, que muitos nem chamam de vacina, mas de experimento, como visto na apresentação feita pelo grupo Os Casos Raros no seminário online de 03 de janeiro (Imagem 1). Há um realce à informação “Não somos anti-vacina. Somos pró-segurança. Somos pró-responsabilidade.” O grupo Os Casos Raros foi criado em setembro de 2021 para reunir relatos de pessoas que



tiveram efeitos adversos da vacina (Entrevista 34), além de familiares de vítimas. O grupo está presente no Instagram, no Telegram, no Twitter e no WhatsApp.



**Imagem 1 - Curso de Formação sobre Passaporte Sanitário, 03 de janeiro de 2022. Fonte: o autor.**

Para além da desconfiança na vacina da COVID-19, para alguns ativistas a exceção no rol de vacinas seguras é a vacina do HPV, que não seria confiável e nem necessária (Entrevistas 7, 35, 41).

E essa questão da vacina já é uma coisa que eu já percebo há muito tempo que é uma coisa errada, porque eu tenho uma filha de 16 anos e quando ela tinha 11 anos, eu não vacinei contra o HPV, porque eu achei muito esquisita essa história de vacinar a criança para não pegar doença sexualmente transmissível, achei isso meio absurdo. Aí comecei a investigar e vi uns vídeos sobre as meninas da Dinamarca. E esse vídeo foi retirado do YouTube, das meninas da Dinamarca com sequelas graves. (...), e aí eu comecei a pensar, porque achei muito estranho isso, mas não vacinei minha filha (Entrevista 7).

Aliás, no Acre há uma associação, a Abravac (Associação Brasileira de Vítimas de Medicamentos e Vacinas)<sup>4</sup>, criada oficialmente em 2021 e que reúne mães contra a vacina do

<sup>4</sup> Mais informações em <https://www.abravac.info/sobre-n%C3%B3s>. Acesso em 14 de novembro de 2022.



HPV, após alegadas reações adversas provocadas por esta vacina no estado (Entrevista 34). Durante a pandemia, a organização também atuou contra a obrigatoriedade das vacinas da COVID-19, através de contas ativas no Instagram e no Telegram.

### **Avaliação do governo federal e preferências ideológicas**

Em relação à avaliação do Presidente Jair Bolsonaro, 35 de 42 entrevistados declararam apoio ao presidente. Os outros 7 não se disseram apoiadores, mas deram a entender que simpatizam com Bolsonaro em alguns pontos e, ainda que tenham algumas discordâncias, estão imersos em uma rede de direita. Especificamente, 2 entrevistadas não se declararam como de direita, fizeram algumas críticas a Bolsonaro, mas disseram que concordam com ele nesse ponto de ser contra a obrigatoriedade das vacinas. Nesse sentido, os dados das entrevistas indicam que, no Brasil, essa mobilização contra o passaporte sanitário e contra a vacinação obrigatória no caso da COVID-19 tem conduzido indivíduos e grupos a se aproximarem ou a fortalecerem seus laços com a direita radical bolsonarista.

Embora simpáticos a Bolsonaro, foi identificada uma tendência de discordância do governo federal no que tange à liberação das vacinas para as crianças pelo Ministério da Saúde. Na manifestação feita em 04 de janeiro de 2022, o Ministro Marcelo Queiroga foi chamado, inclusive, de “genocida”, assim como técnicos da Anvisa e o Diretor Geral da agência, Antônio Barra-Torres, que foram acusados por ativistas de serem “assassinos, comprados e cooptados pela Pfizer e pela ordem global”. Ainda que a maior parte dos ativistas contra a vacinação obrigatória seja bolsonarista, essas rusgas mostram uma radicalização do movimento, que acredita que o governo brasileiro deveria suspender a campanha de vacinação (Entrevistas 21, 28, 35), o que também foi apreendido por meio da observação participante nos cursos de formação online e no protesto de 03 de janeiro de 2022, em frente a OPAS. A fala abaixo demonstra o descontentamento em relação ao Ministro da Saúde Marcelo Queiroga:

Agora, o Queiroga, ele não vai querer falar comigo. Ele não vai querer falar comigo porque eu já detonei ele muito nas redes sociais, mas muita coisa, de “deu Queiroga” “#deuQueiroga”, “Tchau Queiroga” para baixo, porque ele é um dos culpados. Ele, o cara da Anvisa é. O Queiroga vai em Congresso de cardiologia patrocinado pela Pfizer. (Entrevista 32).



De maneira geral, os ativistas fazem parte da constelação ideológica da direita: a maioria se reivindica conservador (Entrevistas 4, 9, 15, 27, 30, dentre outros), mas há libertários/ anarcocapitalistas (*ancaps*) (Entrevistas 13, 20, 23), e liberais (Entrevista 6). A palavra “liberdade” é o eixo comum entre os ativistas, de modo que o seu rechaço ao passaporte vacinal, em suas palavras, não se justifica por serem “antivacina”, mas sim pró-liberdade de escolha.

É digno de nota que alguns dos entrevistados (Entrevistas 10, 21, 25) relataram já terem sido próximos de movimentos de esquerda. Alguns já votaram no Lula, no Brizola e têm alguns ideais em comum com a esquerda, mas se afastaram desse espectro político, se aproximaram da direita bolsonarista e, nessa questão das vacinas, estão muito alinhados com Bolsonaro, por acreditarem que ele agiu corretamente ao se posicionar contra a vacinação obrigatória.

A presença de valores cristãos ligados ao conservadorismo político, como a proteção da família e das crianças, tem sido apontada como essencial no discurso que questiona as vacinas contra a COVID-19 (AMARAL ET AL., 2022). Na pesquisa, muitos dos entrevistados se disseram cristãos e, durante os seminários online em que participei como ouvinte, bem como em protestos e entrevistas, foi detectado o enquadramento de que estaríamos vivendo uma “guerra espiritual” entre o bem e o mal. Em algumas falas importantes, de líderes e pessoas que são vistas como oráculos do movimento, fica claro que eles têm encarado todo esse processo de embate com prefeitos, governadores, diretores de escola e com as *big pharma* como parte dessa guerra, onde há uma conspiração que busca implantar mais controle social, sendo o passaporte sanitário apontado como uma medida ditatorial que se aproxima do “nazismo e do comunismo”.

## **Práticas de ativismo digital contra o passaporte sanitário**

Há uma forte presença de atores de direita ligados ao ativismo contra o passaporte sanitário nas mídias sociais. Desde as eleições de 2018, o bolsonarismo tem se estabelecido como um movimento social populista de extrema direita (VON BÜLOW; ABERS, 2022) que se utiliza muito da internet para avançar em suas pautas e mobilizar seus apoiadores. Na realidade, isso vem ocorrendo com a direita de modo geral pelo menos desde as mobilizações



pelo impeachment em 2015 (DIAS, 2017). Em relação às campanhas contra as vacinas, estudos também apontam as mídias sociais como um campo de batalha importante para esses atores (BAINES; ITTEFAQ; ABWAO, 2021; BONNEVIE ET AL., 2021, JOHNSON ET AL., 2020).

Os atores e movimentos contra o passaporte sanitário estudados no Brasil se mobilizam intensamente nas mídias digitais, utilizando um amplo leque de plataformas. Algumas entrevistas indicam que, ao menos entre os atores-chave entrevistados, o WhatsApp tem a função de servir como espaço para coordenação e organização em grupos menores ou médios, em contraponto ao Telegram, onde o alcance é muito maior. Alguns ativistas e influenciadores divulgaram seus números nos cursos de formação no Zoom para que as pessoas entrassem em contato, mas não há a divulgação de grupos no WhatsApp: a preferência é pelo Telegram. Enquanto o Telegram permite grupos com até 200.000 membros<sup>5</sup>, o WhatsApp está restrito a 256 pessoas por grupo<sup>6</sup>. Além do mais, o WhatsApp restringe o compartilhamento de mensagens para no máximo 5 contatos diferentes e para apenas 1 grupo, diferentemente do Telegram, que é ilimitado nesse sentido.

Por meio da observação participante e através de algumas entrevistas, consegui ter acesso a canais e grupos do Telegram sobre as vacinas e contra o passaporte sanitário no Brasil. Assim, foram contabilizados, até 02 de abril de 2022, 13 canais e 8 grupos no Telegram que orbitam em torno da rejeição das vacinas contra covid-19 e de outras medidas de enfrentamento à pandemia. O canal mais seguido, dos Médicos Pela Vida, tinha 129.691 inscritos até 09 de outubro deste ano.

O acompanhamento das notícias e conteúdo nas plataformas de mídias sociais vem substituindo a mídia tradicional para os atores hesitantes em relação às vacinas da COVID-19. A maioria dos entrevistados disse que não vê mais televisão aberta e prefere se informar por grupos no Telegram e canais do YouTube como os da Jovem Pan (onde assistem o programa Pingos nos Is, dentre outros), além de sites como Brasil Sem Medo (Entrevista 11), Brasil

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://telegram.org/faq?setln=pt-br#:~:text=Com%20Telegram%2C%20voc%C3%AA%20pode%20enviar,para%20transmitir%20para%20audi%C3%AAncias%20ilimitadas>. Acesso em 03 de abril de 2022.

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.whatsapp.com/features>. Acesso em 03 de abril de 2022.



Paralelo (Entrevista 19), que produz textos e documentários com viés conservador, anti-esquerda. Essas fontes alternativas, seja de canais de médicos no Telegram, ou de veículos de notícias e canais hiperpartidários como Jovem Pan, Brasil Paralelo, os youtubers Rodrigo Constantino, Gustavo Gayer (eleito Deputado Federal por Goiás, no pleito de 2022), são vistas como mais confiáveis do que a mídia tradicional (Globo, Folha de São Paulo, Estadão, UOL, etc.) e também superiores a instituições de saúde dotadas de credibilidade e autoridade, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Fiocruz e o Instituto Butantan, pois estas estariam mentindo para a população. É como se as fontes de informação acessadas pelos atores contrários ou à vacina para a COVID-19 ou ao passaporte sanitário trouxessem a “verdade que a Globo não mostra”, aquilo que “não querem que você saiba”. Conforme indicam Cesarino (2020) e Machado e al. (2020), o sistema perito é posto em xeque e é desqualificado, ao passo que novas epistemologias populares e alternativas, que não são necessariamente anti-ciência propriamente (LYNCH, 2020), são construídas e propagadas.

Quais plataformas são mais usadas e como? Por que algumas estão sendo abandonadas? Isso tudo varia de acordo com os objetivos e audiências. O PIX, nova ferramenta bancária, tem sido utilizado para conseguir doações para as vítimas das vacinas, principalmente no caso do grupo Os Casos Raros. O Instagram e o YouTube são usados para a realização de *lives* e postagens de vídeos e, no caso do Instagram, para a postagem de fotografias e artes digitais. Alguns também citaram a postagem de hashtags no Twitter. Plataformas populares entre a extrema direita, como o Rumble, concorrente do YouTube, e o GETTR, criado em 2021 por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump, também são mencionadas e divulgadas como preferidas pelos ativistas contra as vacinas obrigatórias por “não censurarem a liberdade de expressão”.

Há também uma diferenciação entre os públicos das plataformas, como por exemplo do Facebook e do Instagram. No caso de uma deputada estadual do Ceará (Entrevista 38), ela reconheceu que a maior parte da sua audiência, de seus eleitores, usa mais o Facebook. Não obstante, ela detectou a necessidade de atingir públicos novos e, por isso, tem utilizado mais o Instagram e o YouTube. Um deputado estadual de Pernambuco (Entrevista 36) relatou com grande surpresa e satisfação que após a realização de uma live no Instagram com uma médica contrária às vacinas da COVID-19 ele conseguiu mais de 700 seguidores, em poucas horas.





Uma prática muito evidente, que deve ser destacada, é a tentativa de evitar a derrubada de conteúdo nas plataformas (YouTube, Instagram, Facebook, Twitter) pelo fato das lives, vídeos e postagens no geral estarem em desacordo com as diretrizes de saúde seguidas por essas empresas de mídias sociais. Assim, em uma live feita no YouTube pela vereadora Fernanda Barth de Porto Alegre, bem como outra realizada no Instagram com um vereador do município de Lontras, SC, e mais duas mães ativistas, foi perceptível a tentativa de utilizar uma fala cifrada, com termos e palavras alternativas. Assim, no lugar de vacinas, usaram “v@cin@s” na descrição do vídeo, e, no decorrer da live, falaram “picada” e “inoculação”, para se referir às vacinas, e “remédio pra piolho”, em vez de ivermectina (medicamento utilizado como tratamento contra a COVID-19, ainda que sem comprovação científica de sua eficácia). Isso ocorre justamente por esses ativistas, eleitos ou não, perceberem o risco de terem seus conteúdos derrubados, e, em último caso, suas contas limitadas ou banidas, o que eles encaram como censura.

Na live dessa vereadora de Porto Alegre com médicos contrários às vacinas para a COVID-19, além de um advogado, a vereadora alertou os participantes e a audiência sobre o risco da live ser provavelmente derrubada do YouTube. Isso de fato ocorreu e portanto o vídeo foi repostado na plataforma Rumble<sup>7</sup>. As plataformas menos conhecidas como Rumble e GETTR têm sido utilizadas para o armazenamento de conteúdo que seria ou foi derrubado nas grandes plataformas.

A longa duração dos cursos de formação oferecidos pelo Deputado Federal Diego Garcia (PODEMOS, PR) é um indicador da intensidade da mobilização desses ativistas contra o passaporte sanitário. O primeiro curso, do dia 03 de janeiro, foi iniciado às 19h e se estendeu até às 1h20 da manhã. No segundo, a duração foi ainda maior, tendo começado às 19h e ido até às 02h24 da madrugada. As mais de 7 horas de seminário sem interrupção mostram o quanto eles estão dispostos a insistir e lutar para evitar que a vacinação seja compulsória. O chat foi intensamente utilizado para manifestações pessoais dos participantes, mas também para a divulgação de contatos de médicos que emitem certificados de isenção vacinal, além da recomendação de produtos naturais para a imunidade. Os membros do

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://rumble.com/vvh3pq-Atualizaes-mdicas-e-jurdcas-sobre-o-c19.html>. Acesso em 03 de abril de 2022.



encontro aproveitaram o chat também para realizar a convocação para atos presenciais e para divulgar links para grupos e canais no Telegram, como uma maneira de manter os ativistas constantemente engajados nesta causa.

## Rotinas de protestos presenciais

Ao acompanhar três protestos presenciais em Brasília, nos dias 04/01, 22/01 e 04/02/2022, foi possível perceber algumas rotinas que se repetiram ao longo das manifestações. Um dos mais marcantes foi a realização de orações e preces pelo Brasil e em proteção das crianças. Há uma forte presença de cristãos no movimento, dentre evangélicos e católicos, inclusive entre parlamentares apoiadores da causa. Parece haver uma coalizão cristã, ou espiritualista (Entrevistas 4 e 30), que está acima das divergências entre igrejas católicas e evangélicas.

No ato da Manifestação Mundial pela Liberdade, que ocorreu no gramado do Congresso Nacional em Brasília no dia 22 de janeiro, a oração do Pai Nosso - oração cristã que abrange católicos, espíritas e evangélicos - foi rezada logo após a execução do Hino Nacional brasileiro. Em sequência ao Pai Nosso, a oração da Ave Maria, da Igreja Católica, também foi rezada. No final, o ativista que iniciou a prece orou: “e que nenhuma mãe venha a perder os seus filhos para esse experimento, amém?”. Momentos depois, trombetas foram tocadas por dois membros de outra igreja cristã, enquanto as pessoas presentes, a maioria vestida de verde e amarelo, cores da bandeira brasileira, oravam e depois aplaudiam. É digno de nota que no final dos encontros feitos no Zoom, o Deputado Diego Garcia, que é católico, também puxou a oração do Pai Nosso, e foi acompanhado pelos participantes.

Dentre outros gritos e palavras de ordem, os manifestantes gritaram “Não ao passaporte sanitário!”, e “Liberdade, liberdade, liberdade!”. Não entoaram nenhum grito de apoio a Bolsonaro, mas havia ao menos uma bandeira grande, verde e amarela, com o rosto e o nome do atual mandatário exibida no ato (Imagem 2). Isso mostra a antecipação da campanha eleitoral, que durante o governo Bolsonaro se tornou permanente, e explicita a consolidação do bolsonarismo como um movimento social de rua, uma vez que os apoiadores do governo ocuparam as ruas durante toda a pandemia (VON BÜLOW; ABERS, 2022).





**Imagem 2 - Bolsonaro presidente. Fonte: o autor.**

Outro repertório que parece ter se tornado clássico nos protestos contra a vacinação obrigatória para a COVID-19 é o uso de memoriais, por exemplo por meio da utilização de placas com nomes e fotos de vítimas, de maneira a compor um memorial de vítimas ou um “cemitério de vacinados”. Essas placas, feitas digitalmente com dados do movimento Os Casos Raros (Entrevistas 34, 35), foram impressas e fincadas no chão (Imagem 3) ou penduradas em um varal (Imagem 4), de maneira a alertar para os possíveis efeitos adversos dos imunizantes.







**Imagem 3 - Memorial de vítimas no gramado do Congresso. Fonte: o autor**



**Imagem 4 - Memorial de vítimas na Universidade de Brasília. Fonte: o autor**



Com as observações participantes em protestos presenciais contra o passaporte sanitário, foi possível analisar alguns aspectos interessantes. Dentre elas, a ocorrência de um ativismo híbrido, online e offline. Isso fica claro quando vemos lives feitas a partir do protesto presencial com narrativas em primeira pessoa, na qual o(a) realizador(a) da live, seja no Instagram, no Facebook ou no YouTube, mostra o que está acontecendo no protesto e apresenta sua própria narração do protesto. Isso foi visto ao menos duas vezes, no dia 22/01 e no dia 04 de fevereiro, por meio de duas ativistas que seguravam seus celulares para transmitirem essas lives.

## Considerações Finais

O ativismo contra o passaporte vacinal no Brasil não é aglutinado em um único grupo ou movimento. Algumas entrevistadas (Entrevistas 32, 35) dizem que o movimento não tem uma liderança ou uma direção única, mas que se compõe de diferentes ramificações. Foi possível, entretanto, identificar a proeminência de atores chaves no movimento, principalmente dos médicos, parlamentares eleitos e associações de vítimas das vacinas.

Esses ativistas têm uma estratégia bem diversificada e sofisticada de utilização de diferentes plataformas digitais, cada uma exercendo uma função: WhatsApp para coordenação, Telegram para convocação, Youtube e Instagram para a realização de lives, Rumble e GETTR para a circulação de conteúdos que seriam derrubados nas outras plataformas maiores. Nos seus protestos presenciais, os atores combinam o receio de efeitos adversos das vacinas com patriotismo, apoio a Bolsonaro e também religiosidade cristã. Dentre os seus enquadramentos interpretativos da realidade, o principal é o rechaço à obrigatoriedade das vacinas por acreditarem que o passaporte vacinal representaria controle social e ataque às liberdades individuais. Para alguns ativistas, o que está em jogo é algo mais profundo, que pode ser resumido em uma batalha espiritual entre o bem e o mal.

O apoio que grupos da sociedade civil, como os Médicos Pela Vida, encontraram no governo Bolsonaro (VON BÜLOW; ABERS, 2022), deu um verniz institucional às narrativas contrárias às diretivas da OMS. Inicialmente voltados contra o lockdown e a favor do tratamento precoce com medicamentos sem eficácia comprovada, esses grupos passaram a semear desconfiança em relação às vacinas da COVID-19 aprovadas pela Anvisa. O uso de



uma linguagem científica, além do respeito em relação a esses médicos, eleva seus discursos e faz com que eles encontrem aderência entre os ativistas.

Resta analisar com atenção de que forma o ativismo contra a obrigatoriedade das vacinas para a COVID-19 tem impactado nas campanhas de vacinação do PNI. Os dados atuais da baixa procura pelas vacinas (DOURADO, 2022) e os surtos de meningite registrados em diferentes estados brasileiros (FILHO, 2022), são indícios de que a circulação de desinformação, teorias da conspiração e o discurso contra as vacinas da COVID-19, imbuído frequentemente de ideologias, podem estar sim afetando a vacinação de modo geral no Brasil, o que traz riscos sérios de volta de doenças erradicadas.

## Referências Bibliográficas

AJZENMAN, N. et al. **More than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior During a Pandemic**. IZA Discussion Papers 14229, Institute of Labor Economics (IZA), 2021.

AMARAL, Adriana da Rosa et al. **Narratives of Anti-Vaccination Movements in the German and Brazilian Twittersphere: A Grounded Theory Approach**. Media and Communication, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 144-156, may 2022.

BAINES, A.; ITTEFAQ, M.; ABWAO, M. **#Scamdemic, #Plandemic, or #Scaredemic: What Parler Social Media Platform Tells Us about COVID-19 Vaccine**. Vaccines, 9, 421, 2021.

BENFORD, R; SNOW, D. **Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment**. Annual Review of Sociology, 26, 611-39, 2000.

BONNEVIE, E. et al. **Quantifying the rise of vaccine opposition on Twitter during the COVID-19 pandemic**. J. Commun. Health, 14, 12–19, 2021.

CALVO, E.; VENTURA, T. **Will I Get COVID-19? Partisanship, Social Media Frames, and Perceptions of Health Risk in Brazil**. Latin American Politics and Society, 63(1), 1-26, 2021.

CESARINO, L. **Coronavírus como força de mercado e o fim da sociedade**. AntropoLÓGICAS EPIDÊMICAS, v2a33, abril de 2020, 2020b. Disponível em <https://>





[www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/coronav%C3%A9Drus-como-for%C3%A7a-de-mercado-e-o-fim-da-sociedade](http://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/coronav%C3%A9Drus-como-for%C3%A7a-de-mercado-e-o-fim-da-sociedade). Acesso em 28 de novembro de 2020.

CRUZ, A. **A queda da Imunização no Brasil**. Revista Consensus, ano VII, número 25, outubro, novembro e dezembro de 2017. Revista eletrônica, 2017.

DIAS, T. **"É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook**. 2017. 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DOURADO, Isabel. **Muito abaixo da meta, campanha de vacinação contra a polio acaba nesta sexta**. 27 de setembro de 2022. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/09/5039854-muito-abaixo-da-meta-campanha-de-vacinacao-contr-a-polio-acaba-nesta-sexta.html>. Acesso em 06 de outubro de 2022.

ENTMAN, R. **Framing toward clarification of a fractured paradigm**. Journal of Communication, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.

FILHO, Eduardo F. **Surto de meningite: quatro estados já apresentam alta no número de casos da doença**. Disponível em <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2022/09/meningite-provoca-surto-na-cidade-de-sao-paulo-e-alta-em-4-estados.ghtml>. Acesso em 06 de outubro de 2022.

GRAMACHO, W; TURGEON, M. **When politics collides with public health: COVID-19 vaccine country of origin and vaccination acceptance in Brazil**, Vaccine, Volume 39, Issue 19,2021, 2608-2612, 2021.

JOHNSON, N.F et al. **The online competition between pro- and anti-vaccination views**. Nature 582, 230–233, 2020.

LYNCH, M. **We Have Never Been Anti-Science: Reflections on Science Wars and Post-Truth**. Engaging Science, Technology, and Society, [S.l.], v. 6, p. 49-57, jan. 2020.

MACHADO, C et al.. **Ciência Contaminada: Analisando o Contágio de Desinformação Sobre Coronavírus Via YouTube**. Parte 1 da Série Democracia Infectada. INCT DD, 2020.



MILANI, E. et al. **The Visual Vaccine Debate on Twitter: A Social Network Analysis.** *Media and Communication*, 8(2), 364-375., 2020 doi:<https://doi.org/10.17645/mac.v8i2.2847>

RECUERO, R.; SOARES, F. **O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso.** E-Compós, [S. l.], v. 24, 2021.

RUISCH, B. C., Moore, C., Granados Samayoa, J., Boggs, S., Ladanyi, J., & Fazio, R. **Examining the left-right divide through the lens of a global crisis: Ideological differences and their implications for responses to the Covid-19 pandemic.** *Political Psychology*, 42(5), 795–816., 2021. <https://doi.org/10.1111/pops.12740>

SEVCENKO. N. **A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes.** São Paulo: Scipione, 1993.

SOUTO, Ester Paiva; KABAD, Juliana. **Hesitação vacinal e os desafios para enfrentamento da pandemia de COVID-19 em idosos no Brasil.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* [online]. 2020, v. 23, n. 5 [Acessado 16 Setembro 2022] , e210032. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.210032>>.

SWIGART, K. et al. **Working While Liberal/Conservative: A Review of Political Ideology in Organizations.** *Journal of Management*, 014920632090941, 2020.

VON BÜLOW, M; ABERS, R.N. **Denialism and Populism: Two Sides of a Coin in Jair Bolsonaro's Brazil.** *Government and Opposition: An International Journal of Comparative Politics* 1–19, 2022.

